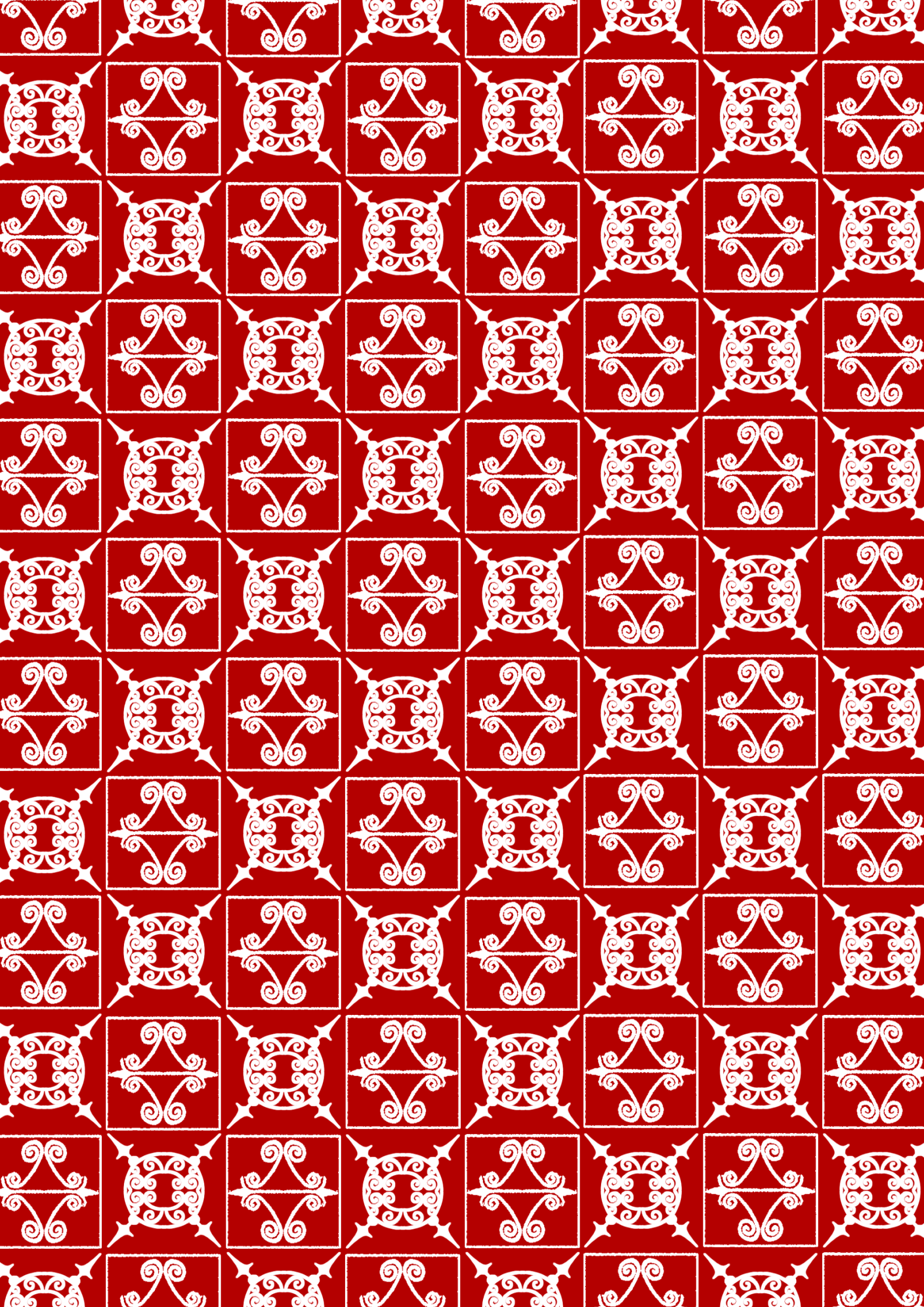
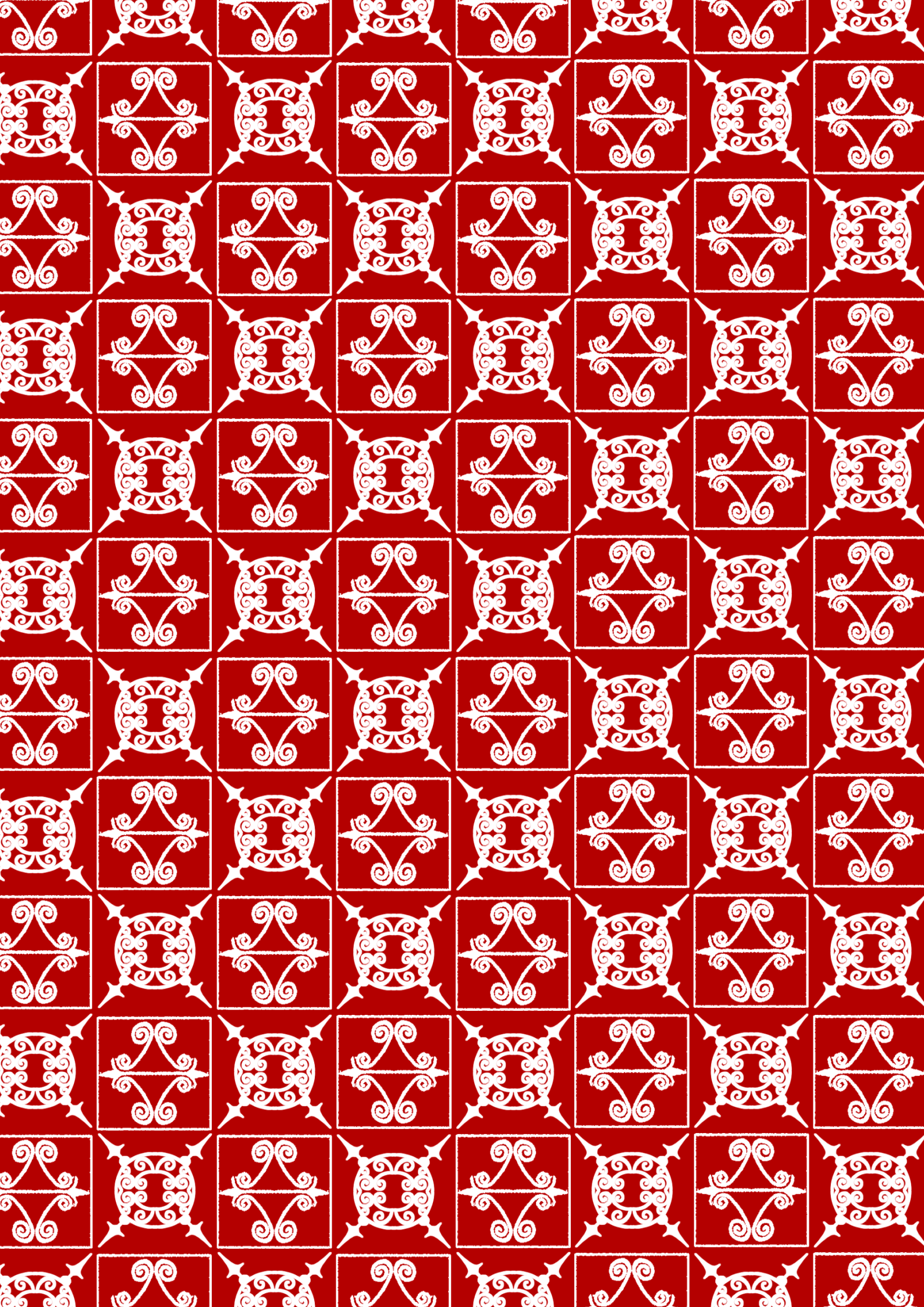






UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio Mesquita Filho”
Instituto de Artes - Campus São Paulo

BEATRIZ SOARES RODRIGUES

AMOR COMO PEDAGOGIA DO FIM DO MUNDO

São Paulo
2026

BEATRIZ SOARES RODRIGUES

AMOR COMO PEDAGOGIA DO FIM DO MUNDO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Artes Visuais do Departamento
de Artes Plásticas do Instituto de Artes da
UNESP como parte dos requisitos para grau
de licenciado em Artes Visuais.

Orientadora: Rita Luciana Berti Bredariolli

São Paulo
2026

BEATRIZ SOARES RODRIGUES

AMOR COMO PEDAGOGIA DO FIM DO MUNDO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Artes Visuais do Departamento de Artes Plásticas do Instituto de Artes da UNESP como parte dos requisitos para grau de licenciado em Artes Visuais.

Orientadora: Rita Luciana Berti Bredariolli

Trabalho de conclusão de curso aprovado em 25/11/2024

Banca Examinadora:

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pela autora.

R696a Rodrigues, Beatriz Soares, 2000-
Amor como pedagogia do fim do mundo / Beatriz Soares Rodrigues. --
São Paulo, 2024.
82 f. : il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rita Luciana Berti Bredariolli.
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Arte na educação. 2. Amor. 3. Estudantes universitárias - narrativas pessoais I. Bredariolli, Rita Luciana Berti. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 707

Prof. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli (Orientadora)
UNESP

Doutorando Levi Fernando Lopes Vieira Pinto
UNESP

A todos eus que vão até voltar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço Rita, minha orientadora e professora, pelos ensinamentos e conforto.
Agradeço Maria Betânia, minha mãe, por todas provocações e compartilhamentos.
Agradeço Cauê, pelos livros que nunca devolvi.
Agradeço meus amores, pelo apoio e risadas.

Espero que sintam.

“Só um gesto coletivo de amor poderia parar
a destruição”

(Cecilia Vicuña)

RESUMO

O presente trabalho caminha por fabulações, desenhos, mapas e poesia ao relacionar as minhas experiências formativas na prática educativa ao Amor como força transformadora capaz de criar/colapsar outros mundos. Partindo de memórias e conhecimentos próprios até o encontro com autores que discutem a presença do amor e afeto presente no ensino e aprendizado, esses autores, bell hooks e Paulo Freire, são abordados no trabalho como referências principais. Em sua conclusão, transformações são iniciadas e o aprendizado é movimento constante, assim fim e começo tornam-se uma coisa só.

Palavras-chave: Arte; amor; educação; fim do mundo.

ABSTRACT

This paper unfolds through fabulations, drawings, maps, and poetry as it relates my formative experiences in educational practice to Love as a transformative force capable of creating and collapsing other worlds. Drawing on personal memories and embodied knowledge, the work moves toward an encounter with authors who discuss the presence of love and affection in teaching and learning, these authors, bell hooks and Paulo Freire, are approached as key theoretical reference. In conclusion, processes of transformation are set in motion and learning is understood as continuous movement, thus what constitutes as ending and a beginning become one and the same.

Key-words: Art; love; education; end of the world.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	Palavras do lugar onde estou	15
1.2	O que torna quando transborda	16
1.3	Roda, poema em versos longos	22
2	AMOR E EROS	27
2.1	Vento	29
3	AMOR	31
4	SELVAGERIA INFANTIL	40
5	CONTO DO INICIO DO FIM DO MUNDO	46
6	AMOR DO/NO FIM DO MUNDO	48
7	CONCLUSÃO	53
7.1	Fundo Mundos	53
7.2	Carta de Amor	55
	REFERÊNCIAS	56
	CRÉDITO DE IMAGENS	58

1 INTRODUÇÃO

1.1 Palavras do lugar onde estou¹

Quero falar de tudo que eu amo.

Amor flecha as curvas do tempo e em todos os lugares em todos momentos se (e por um infinito tudo) fala, ouve, sente, lê, vê o Amor.

Amor é radical, nas margens da sociedade é prática.

Aproximar o amor do fim do mundo.

Não tem ordem.

Como penetramos os espaços? (mente/ corpo físico)

tempo, ação, infinito, fim,

a ocorrência pressupõe o fim.

A fuga só acontece porque é impossível, Jota Mombaça.

Quanto tempo tem o fim desde que começou.

Gosto de metáforas e beijar na boca.

O tesão foi tanto que eu comecei a prestar atenção.

O fim do mundo acontece e o amor é caminho para a sobrevivência ou para o fim.

s2

1. A escolha desse título como abertura ao trabalho é uma referência à passagem de Nego Bispo no livro “A terra dá, a terra quer” (2019, p. 50 e 51), que diz “Ora, se o lugar onde estou é um ponto de referência, para frente de onde estou é o Norte, para trás de onde estou é o Sul. Mas se eu caminhar para a frente, este lugar vai passar a ser Sul. Se eu for para trás, este lugar vai passar a ser Norte. Então Norte ou Sul dependem de onde estou”. As palavras do meu ponto de referência são orientações de caminhos que posso seguir e esses caminhos podem se atravessar ou se conectar, as ideias podem ser organizadas ou bagunçadas dependendo do ponto de referência.

1.2 O que torna quando transborda

Este trabalho é sobre amor, aprender e fim do mundo. Também é compartilhamento dos meus últimos anos iniciais de tornar-se professor e tudo que me transbordou vivendo o ensinar e aprender, seja na escola, museus, oficinas e aulas.

A quatro anos sou educador, a muito tempo mais sou estudante, de onde estou, revivo as coincidências de interesses e caminhos que me guiaram até aqui. Quando era estagiário parte da equipe educativa da 35ª Bienal de Arte: Coreografias do Impossível, durante a formação² não parava de pensar em um livro que havia lido um ano antes, É assim que se perde a guerra do tempo de Amal El-Mohtar e Max Gladstone propõe uma leitura não linear da fita da vida, onde duas viajantes do tempo se apaixonam e seu amor radical vai contra as regras de um mundo em guerra desde sempre. Destruições e ruínas sucumbem diante a força do amor impossível, causa do fim do mundo. Acho que esse foi meu começo, o meio não sei, mas olhando caminhos que se trançam por família, amizades, romances e conflitos acidentalmente o corpo agitado é aparência do turbilhão que passa na minha cabeça “amor é caminho para sobrevivência ou para o fim do mundo? amor e fim” penso, esqueço, volto e deixo ir.

A importância dessa pesquisa se faz quando encontro e vivo o amor através da minha experiência prática no ensino de arte, seja no espaço escolar ou não, mas especialmente na sala de aula, lugar cristalizado como inóspito ao corpo e sentimentos possíveis em minhas memórias. Trato do amor como força transformadora para criação/colapso de mundos, não falo da história de um sentimento, mas modos de aprender atravessados no corpo.

O discurso de Ideias para adiar o fim do mundo de Ailton Krenak, compilado no livro publicado com o mesmo título inspiram a minha contribuição ao toró de ideias com um título quase como uma resposta, mas é bem verdade que me interesse em pensar o fim do mundo como forma de inventar outros, a partir da escuta e leitura de outras cosmologias da leitura de tempo por artistas-pensadores brasileiros. Autores como Leda Maria Martins e Nego Bispo abandonam a leitura linear do tempo, imposta pelo ocidente-colonial, para se voltar à ancestralidade como base da concepção espiralada do tempo e sabedoria de que somos começo, meio, começo em Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela e A terra dá, a terra quer, independente. Suas sabedorias são inspiradoras ao redor de todo trabalho, no processo, escrita, desenho e fala.

O amor é construído a partir da compreensão da educação como o principal meio transformador para construir alternativas de um mundo em que seja mais fácil

2. Prévia à data de início de uma exposição de arte, é importante o período de formação da equipe, que constitui de trocas, palestras, conversas, estudos relevantes ao trabalho de arte educador e assuntos da exposição.

amar ou colapsar mundos que não nos cabem. Em conjunto dos escritos de bell hooks — professora, escritora e pensadora — relacionando a educação como prática da liberdade, em Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade, hooks propõe uma abordagem pedagógica que enxerga o amor na sala de aula, de maneira que o ensino não é apenas transmissão de conhecimento, mas um ato de escuta, respeito e engajamento, de esforço geral para aprendizado. Em Tudo sobre o amor: novas perspectivas, a prática de amor é elucidada por sua presença ou ausência nas diferentes relações da vida: família, amizades, romance, religião, etc.

Peço que não esperem previsões para o futuro ou um plano prático para implementação como resultado desta pesquisa, as experiências que compartilho me transformaram e se misturam com a teoria de outros, ficção, poesia e desenho. Escolher amor diante as negativas do mundo é um radicalismo imenso, uma prática que corre contra o individualismo do mundo moderno e um método corpóreo para a aprendizagem em coletivo. Essa pesquisa é um caminho, não é solução. Aqui o amor é tentativa, a persistência nesta exigente, complexa e interessante força transformadora.

Abordar o amor no ensino, prática definida por uma radicalidade por si só, exige uma metodologia transgressora, onde a construção da pesquisa passa no corpo entendido em sua completude e complexidade, visto que, a desarmonia entre pesquisas mecanicistas e a chamada realidade ocorre, entre outros motivos, porque fomos ensinados a pesquisar excluindo da jogada o nosso corpo (hooks, 2021; Fernandes, 2023). Procuro o caminho para a pesquisa que se construa de forma flexível e não homogênea, quero dizer, busco o caminho metodológico que compreende as confluências³ de meu corpo/mente em temporalidade infinita. Não se trata de produzir uma pesquisa a qualquer custo fortalecendo desigualdades, mas rasurar a linearidade e seu sistema proliferando narrativas em busca de outra vida possível. (Fernandes, 2023). Devo dizer que a escrita é muito cara e árdua a mim, neste estudo selvagem que me escapa e se enrola em mistérios uso todos meus métodos para me expressar, então entro em grafias alternativas ao que é alfabético, preciso do desenho para que as cores guiem uma coreografia improvisada e da poesia, pois sempre desejo dançar nas minhas palavras. Quero que entendam o que eu não entendo e escolham aceitar meu convite de pensar amor.

Durante a pesquisa, montei cadernos com escritos e mapas embaraçados para entender melhor os meus pensamentos, assim tomo a abordagem metodológica de mapeamentos/ cartografia por dar atenção ao percurso e o processo de instauração e investigação que acontece, gerando diferentes conexões, significados e

3. Confluência é um fundamento proposto por Nego Bispo. “Confluência é a lei que rege a relação de convivência entre elementos da natureza e nos ensina que bem tudo que se junta se mistura, ou seja, nada é igual. Por assim ser, a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento plurista dos povos politeístas” (Santos, 2019. p. 68)

questionamentos longe da linearidade. A cartografia pode ser entendida como um desenho do percurso, onde o mapa é a materialização das imagens, ou seja, o processo. Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) abordam a cartografia nesse contexto, como construtora de conexões, em torno de processos complexos e situações cotidianas. A respeito da cartografia como metodologia de pesquisa, de acordo com Lemos e Oliveira:

A cartografia também pode ser entendida como método de pesquisa, auxiliando o pesquisador a traçar seu caminho enquanto apreende e é apreendido pelas circunstâncias. Como em um mapa a ser desenhado, o pesquisador pode seguir um percurso sem um final claramente definido, e as ações e reações dessa paisagem se conectam e criam novos significados para a investigação. (Lemos; Oliveira, 2017, p. 45)

A construção de uma leitura fora da linearidade e tornar o outro corpo da minha própria textualidade são questões que giram na minha cabeça, em Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo tela, abordando a tarefa de escrever o outro, Leda nomeia o texto onçado (Martins, 2021. P. 200), uma escrita transformadora "que deixa de ser o que é", texto escuta e escrita nunca estático para que nele se reconheça. Texto ouvido e visto. Assim, o texto não é só o texto, as intenções da palavra e outras grafias transparecem, escolho apresentar aquilo que é processo da pesquisa, na criação de outras coreografias de leitura não atreladas à prosa linha a linha do que não necessariamente coube na escrita acadêmica nestas páginas ou que não encontrei palavras para expressar: cartografias, entradas de diário, conversas, desenhos, poemas, livros, tudo aquilo que me transborda.

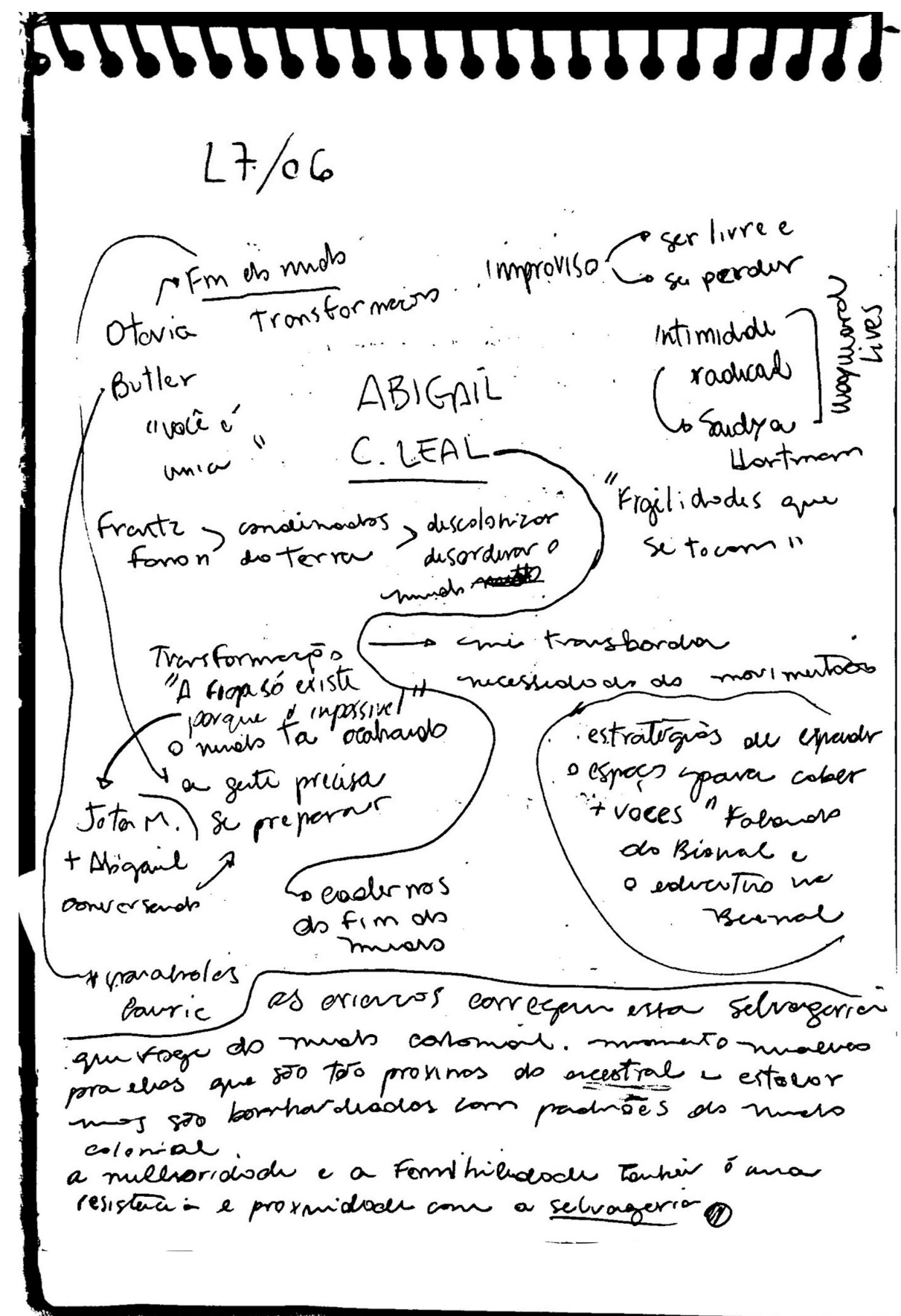
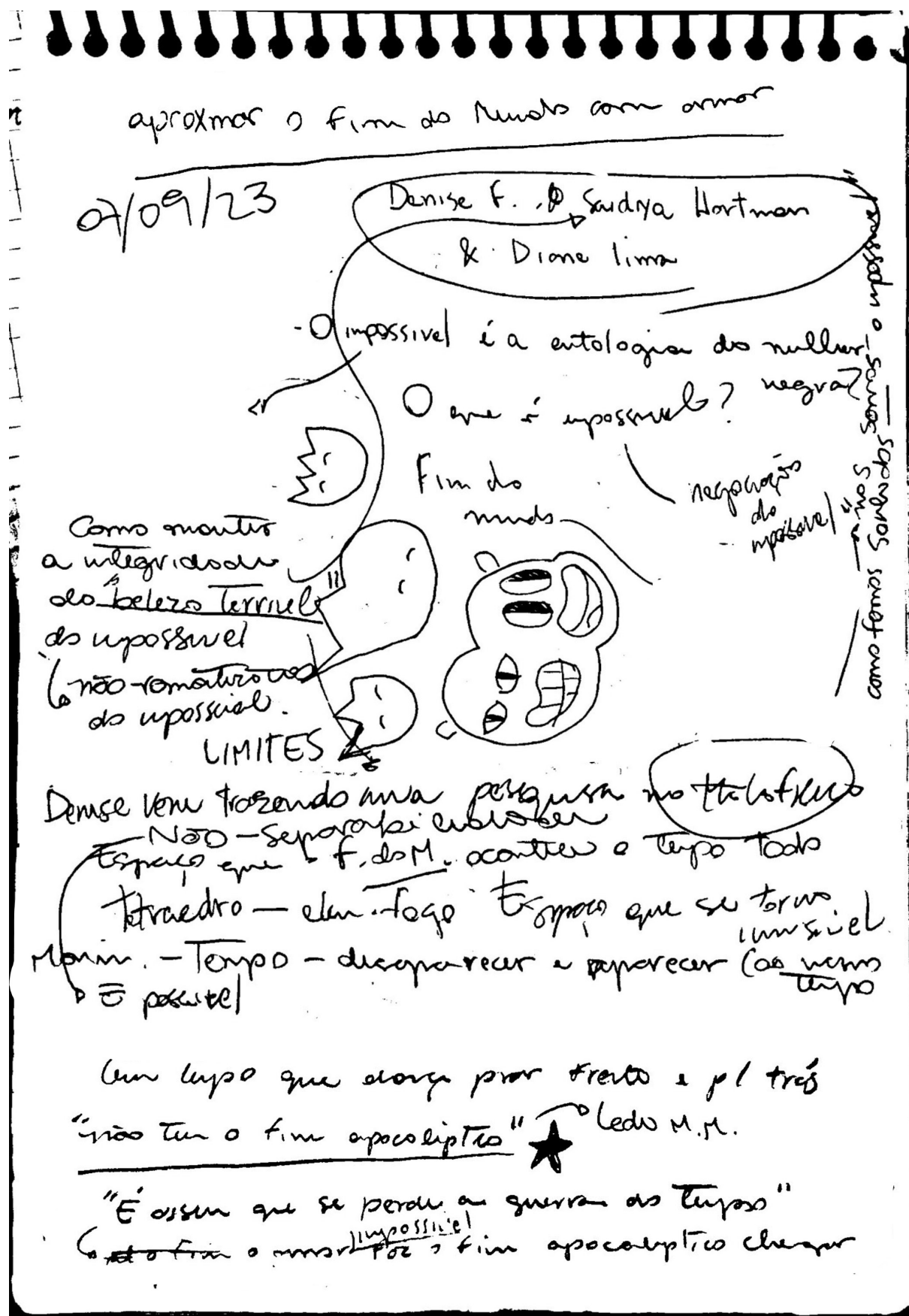


fig. 1



12/01/2024: Datando algumas das minhas anotações, fichamentos, desabafos, para apresentar a desordem o vai e volta que minha mente faz pensando sobre esse assunto que por um tempo me acompanha.

09/11/2024: O Caderno, aquele que carreguei, escrevi, rasurei o ano todo pensando em amor e fim do mundo vira o trabalho, o que está aqui também está lá no caos de riscos tortos com outras conexões. Flávia me ensinou a palavra "facsimile" hoje "é quando fazem uma cópia do caderno todo... ah o google ta falando que pode ser qualquer cópia ou reprodução de um trabalho".

1.3 Roda, poema em versos longos

Namorando o vazio ele chama para rabiscar me desafia a dizer me convida a brincar.
 Recomeçar de novo de novo de novo na ordem latente do estio torrencial.
 Não sei quantas versões quantas metáforas existem mas se parar para me amar eu pulo no vulcão.
 É assim que se perde a guerra do tempo.
 O buraco engolido queima a garganta de quem atravessar o seixo polido na destruição, nas frestas do impossível amor é tentativa.
 Selvagem, escapa em mistérios que se enrolam nas folhas da bananeira escondida no mato.
 A pedra ardida avisou fogo é coisa séria aí eu sabia que não tinha como escapar, muito antes de mim ela já tinha me visto.
 A memória de tempos que não me tocam, mente que o corpo pede.
 Flecha nas curvas do tempo, amor se sente por infinitos.



fig. 3



fig. 4

AMETODOLOGIAQUEATRAVESSAOCORPO PARTE DAMEMÓRIA. ÉAPESQUISA QUE SE CRIA A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS, ENXERGANDO OS HACKEAMENTOS MARGINAIS DIANTE DO IMPOSSIVEL.

s2

2 AMOR E EROS

Não me importo com as definições, trato um experimentalismo perene enquanto viver, não é sobre o que é mas o como é.

Na grécia antiga, Eros foi a representação divina do amor erótico, na Roma antiga sua nomeação definiu-se por Cupido. Convencionalmente referenciado à apaixonada vontade, o desejo (epithymia), nascido de Penia (Penúria) e Poros (Recurso), Eros deseja aquilo que não possui, ao mesmo tempo doce e amargo⁴. Para muitos teóricos, Eros representa mais do que o apetite sexual, mas não é ou não pode ser traduzido como Amor, pois nem sempre implica compromisso ou cuidado que o mesmo exige.

Acredito que a relutância da modernidade ocidental em classificar e assim, fragmentar conceitos vividos está atrelada ao dualismo cartesiano que aceita a cisão entre o corpo e a mente e, em mesma instância, entre natureza e humano. Vemos a incompletude da nossa criação como meio para inventar instrumentos que sustentem nossa sobrevivência, para garantir que não nos esqueçam. Pois toda iluminação cessa e as abundâncias de signos se perdem diante do encontro das águas profundas, onde nada é tudo senão seu corpo.

Aqui amor não se resume ao romântico apesar de não desconsiderá-lo, não posso esclarecê-lo como um sentimento incompleto e único, sua presença não instiga ausência do medo, injustiça ou abuso. Quero dizer, amor não é semelhante a essas práticas mas não é raro encontrar dinâmicas violentas em situações diversas com a justificativa de que “aqui existe amor” e por existir questiono sobre a ocorrência do significado dessa palavra na sociedade, construída na dominação e sangue do outro.

Nesse movimento, a escolha do amor como chave para essa pesquisa envolve a tentativa de atualizar um repertório e se infiltrar na palavra que correu por inúmeros significados e interpretações no mundo hoje criando agora. Amor é ação para transformação e como também disse Paulo Freire (1987) “Não é devido à deterioração a que se submete a palavra amor no mundo capitalista que a revolução vá deixar de ser amorosa”. Escolho amor sabendo que a vida é memória e sabedoria sem ser absoluta. Escolho amor na configuração de nutrição, guerra, carinho ou sexo. Escolho amor pensando em meu corpo complexo. Envoltos de tudo, amor é ação como quando cai a fruta.

4. “Eros de novo – o solta-membros – me agita, doce-amarga inelutável criatura rastejante.” Safo, Fragmento 130 (tradução Giuliana Ragusa, 2013). Além da lirica de Safo, Anne Carson, em Eros, o doce-amargo: Um ensaio, discursa Eros como força reveladora da condição humana, marcada por desejo, separação e contradição. Explora como a sensação é ao mesmo tempo doce e amargo “bittersweet”, gerando prazer e dor ao instigar um desejo inesgotável. Para Carson, o eros nos atrai para o outro, mas também nos confronta com a falta e a incompletude, ao desejar o que nos é privado.



fig. 5

Amor mas poderia muito bem ser Eros, maracujá, Vermelho, vulcão, serpente ou transformação. Não há confusão, na grafia sinto a palavra reconheço Amor em mim, assim escolho e sigo, maiúscula, se permitir.

s2

2.1 Vento

A dança que toca e envolve o corpo em partida turbulenta-ao espaço
 saiu espiralando e suas paixões seguiram carregadas na ventania.
 Ni esqueceu das várias vezes que se sentiu sozinho
 O cheiro gelado do mato cortava o nariz
 A picape sacoleja as ancas num morro comprido na noite
 As estrelas criaram o amor num morro cumprido na noite
 Sol o-odiava,
 o morro alto-o bastante abstraia-a presença da lua.
 Mas as estrelas espertas chamaram por tempo, que lhes deu o fim do dia
 Os amados só notaram caindo embaixo do céu
 As estrelas são más desde que não me deixaram recolhe-las em memórias
 e proibiram a conversa entre céu e o mar.

s2

3 AMOR

Quando eu tinha 8 anos, João me mandou um papelzinho escrito “quer namorar comigo? responde depois do lanche” com duas caixas desenhadas embaixo, uma para sim e outra para não esperando minha resposta, João era legal mas pensei que queria mandar o mesmo papelzinho para minha professora de inglês Fernanda. Lembro de quando perguntei para o meu irmão como ele soube que amava sua namorada, ele respondeu “a gente se viu na rua um dia e se apaixonou” eu escutei aquilo e não entendi como era possível amar alguém só porque viu na rua, então concordei com um “entendi” e deixei ele. Eu não amei a professora Fernanda assim que a vi, com certeza a achei muito bonita, saía da sala procurando ela na escola e adorava quando pedia que eu cantasse os números de zero a vinte em inglês na frente das salas, o que eu fazia muito bem, modéstia à parte. Foram quatro anos juntas como professora e aluna, nunca falei que a amava ou mandei papelzinho mas todas as terças e quintas-feiras, aprender era consequência de tanto interesse. Apaixonada na professora, aprendia dançando e cantando.

Da primeira paixão vieram muitas depois, encontrei aquela que conversei por anos, como se nos conhecêssemos a muito mais e aquele feito em mim, cruel e sozinho ficou ao meu lado também.

Queria recusar a vontade de ser professor que pairava na minha cabeça, que fosse para longe de mim. Existe uma passagem da bell hooks que nunca reencontrei sua transcrição⁵ mas ela aborda a dificuldade de superar hábitos convencionados pelo medo da transformação. Me senti assim iniciando a licenciatura, até alguns anos atrás todas as minhas experiências de ensino partiram da minha visão como aluno nos espaços escolares, agora era como se criasse autoatualizações de memórias que não estava pronta para abandonar, memórias boas que não quero esquecer e memórias ruins, as quais mesmo sendo ruins são conhecidas. Tratando uma diferenciação entre memória e história, Pierre Nora traz uma passagem que considerei ao meu processo transformativo “A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas” (Nora, 1989. p. 7-8).

Demorei para encontrar quem falasse do Amor como senti nas aulas de inglês, em “Eros, erotismo e o processo pedagógico”, capítulo do livro Ensinando a transgredir: e educação como prática da liberdade, bell hooks compartilha:

5. 05/10/2024 encontrei a passagem na página 66 em Ensinando a Transgredir: “geralmente há, uma certa dor envolvida no abandono das velhas formas de pensar e saber e no aprendizado de outras formas”

“No meu primeiro semestre como professora de faculdade, havia na minha classe um aluno do sexo masculino que eu sempre parecia ver e não ver ao mesmo tempo. [...] quando ele se identificou na sala de aula, percebi que eu sentia uma atração erótica por ele. E que meu jeito ingênuo de lidar com sentimentos que eu havia aprendido a nunca ter na sala consistia em me esquivar (e por isso o tratava mal), reprimir e negar.” (hooks, 1994. P. 254-255)

A primeira vez que li o trecho anterior, lembro do alívio de encontrar a sensação que conheci como aluno na partilha da outra figura presente em sala de aula. As minhas memórias cristalizadas e domesticadas ignoravam as possíveis flutuações corporais do professor, pois aprendi a não encarar nenhum corpo aprendendo em sala de aula.

Em transformação, virei educador no Cursinho Prévia, cursinho popular feito por alunos da UNESP para as provas de habilidades específicas de artes visuais dos vestibulares de São Paulo. Entrar na sala de aula em uma nova posição acendeu memórias e nas atualizações tive medo de perde-las. Coincidentemente, voltar a sala de aula significou também voltar após dois anos de fechamento por conta da pandemia do covid-19, estava em um espaço e tempo que não mais me relacionava como aluno e também não conhecia como professor. Lembro da minha primeira aula no cursinho, ensaiei e escrevi roteiros de todo conteúdo a ser dito, o nervosismo falou comigo o ensaiado.

“A compreensão de que Eros é uma força que auxilia o nosso esforço geral de autoatualização, de que ele pode proporcionar um fundamento epistemológico para entender como sabemos o que sabemos. Habilita tanto os professores quanto os alunos a usar essa energia na sala de aula de maneira a revigorar as discussões e excitar a imaginação crítica” (hooks, 1994; 258)

Após três anos, a sala de aula se tornou uma conhecida, em dado momento percebi que a paralisia do medo de errar e não ser perfeito em imagem e discurso me impedia de aprender, ensinar e me conectar com as outras pessoas, em conjunto, que construíam a aula. Abandonando o medo dos erros e tolices, estava mais preocupado em criar conexões com os alunos, estimulando o aprendizado das artes aos nossos gostos e paixões, que só conheci por conta da presença dia após dia nas aulas.

Eros é uma força para entender como sabemos o que sabemos, força transformadora. Em Tudo sobre o amor, bell hooks fala sobre a confusão que a palavra “amor” causa na nossa sociedade, a cautela envolta do uso da palavra mostra a nossa dificuldade em entender o Amor como ética de vida, ao invés de encará-lo como substantivo. Amor é verbo que se move e transforma, devemos “começar por sempre pensar no amor como uma ação” (hooks, 2020. p. 55).

Não correspondente ao pensamento moderno, o Amor permanece fora das so-

cializações construídas na mediação violenta da força limitadora de nossas relações. Sem conseguir abandonar a violência de ocultar o meu corpo disciplinado aprendido, permaneci em silêncio as vezes que não valorizei os meus saberes vividos no ensino de artes e em outros aprendizados, carregada do elitismo acadêmico, enxergava o texto e teoria quase como exclusivas genealogias do conhecimento. Nesse processo de edições memórias, meu corpo se transforma com os aprendizados, aprendendo a partir do Amor, sou presente, de corpo inteiro que move e deixa-se mover por suas paixões, os saberes que se inscrevem no corpo assemelha-se com o que quero incluir como uma prática amorosa no ensino e aprendizado.

Leda Maria Martins nos convida a pensarmos a memória em outras esferas, nos quais também se inscreve, se grafa e se postula: a voz e o corpo, desenhados nos âmbitos das performances da oralitura e das práticas rituais (Martins, 2003. p. 63). Falamos de modos de aprendizados, como se aprende quando o conhecimento grafa-se no corpo.

“Minha hipótese é a de que o corpo em performance é, não apenas, expressão ou representação de uma ação, que nos remete simbolicamente a um sentido, mas principalmente local de inscrição de conhecimento, conhecimento este que se grafa no gesto, no movimento, na coreografia; nos solfejos da vocalidade, assim como nos adereços que performativamente o recobrem. Nesse sentido, o que no corpo se repete não se repete apenas como hábito, mas como técnica e procedimento de inscrição, recriação, transmissão e revisão da memória do conhecimento, seja este estético, filosófico, metafísico, científico, tecnológico etc. (Martins, 2003. P. 66)

O domino da escrita é um dos dispositivos de expressão mais enaltecidos do ocidente, para isso construíram uma carreira de bibliotecas, museus, livros e arquivos para resguardo de uma memória frágil. A grafia do saber através da experiência encorpada constitui-se nas culturas de África e indígenas, onde “Dançava-se a palavra, cantava-se o gesto, em todo movimento ressoava uma coreografia da voz, uma partitura da dicção, uma pigmentação grafitada da pele, uma sonoridade de cores” (Martins, 2023. p. 36). Porém o que não corresponde aos métodos do dispositivo de controle e poder na sociedade moderna colonialista é desvalorizado e a mente controlada não conhece o corpo como local de aprendizado.

Rememoro a dança em aulas no Prévia, no estágio da 35º Bienal, no PIÁ — Programa de Iniciação Artística — e permanece comigo os momentos que eu vi e estava sendo vista aprender com o corpo, em coletivo, construindo uma outra abordagem nesses espaços onde aprender não tem relação com decorar e a ação de rememorar atravessa o meu corpo, longe dos confinamentos mentais da palavra. Entramos na roda, bagunçamos caminhos, o mestre mandou parar “encontra os seus próximos de antes”, não esqueço quem estava do meu lado, encruzilhadas de mãos tensionam em camadas “agora vamos desembaraçar a roda”.

“Entrando na classe determinados a apagar o corpo e nos entregar à mente de modo mais pleno, mostramos por meio de nosso ser o quanto aceitamos o pressuposto de que paixão não tem lugar na sala de aula. A repressão e a negação nos possibilitam esquecer e, depois, buscar desesperadamente nos recuperar, recuperar nossos sentimentos e paixões, em algum lugar isolado — depois da aula.” (hook, 2017. P. 254)

O medo acadêmico do Amor é o medo de reconhecer um corpo que aprende. O predatismo controlador do capitalismo se empenha e falha em excluir o Amor de nossas relações, pois esse radical desobediente aparece em todo lugar, a gravidade de sua ausência também é uma presença. Como professores, temos medo que os alunos sejam apaixonados, devemos prever o futuro e conter todas as investidas imaginárias da desobediência. O Amor é superado pelo medo de perder o controle e como a artista Castiel Vitorino disse “o medo é a força primária que mantém as estruturas de dominação” (Brasileiro, 2022. p. 54).

Penso no comentário de um colega professor em uma formação no CEDECA Sapopemba, que lembrou que a escola não é um sistema falido, é uma instituição com muito sucesso em seu propósito, disciplinando corpos para que não atuem por seus impulsos e desejos. A prática do Amor dentro do ensino é tentativa de desobediência e resistência. Viver segundo a ética amorosa (hooks, 2020. p. 122) não necessariamente corresponde à práticas a serem criadas e implantadas, podemos falar de saberes ancestrais para criar novos modos de viver ou como Ailton Krenak disse “se alimentar das manobras dos antepassados para resistir” (Krenak, 2019. p. 28).

O Amor no ensino é uma construção coletiva por interessados comprometidos pela prática em suas vidas. O trajeto para uma educação que tenha o Amor no centro do debate exige capacidade de se reinventar, comprometimento e, sobretudo a coletividade. Florescer é essência do Amor, potencia radical transformadora. Tomando tais reflexões, a educação é compreendida como o principal meio transformador de construir alternativas de um mundo em que seja mais fácil amar ou que caía quando não nos cabem.

O erotismo é sensacional para mim,
é reconhecimento e envolvimento.



fig. 6



fig. 7

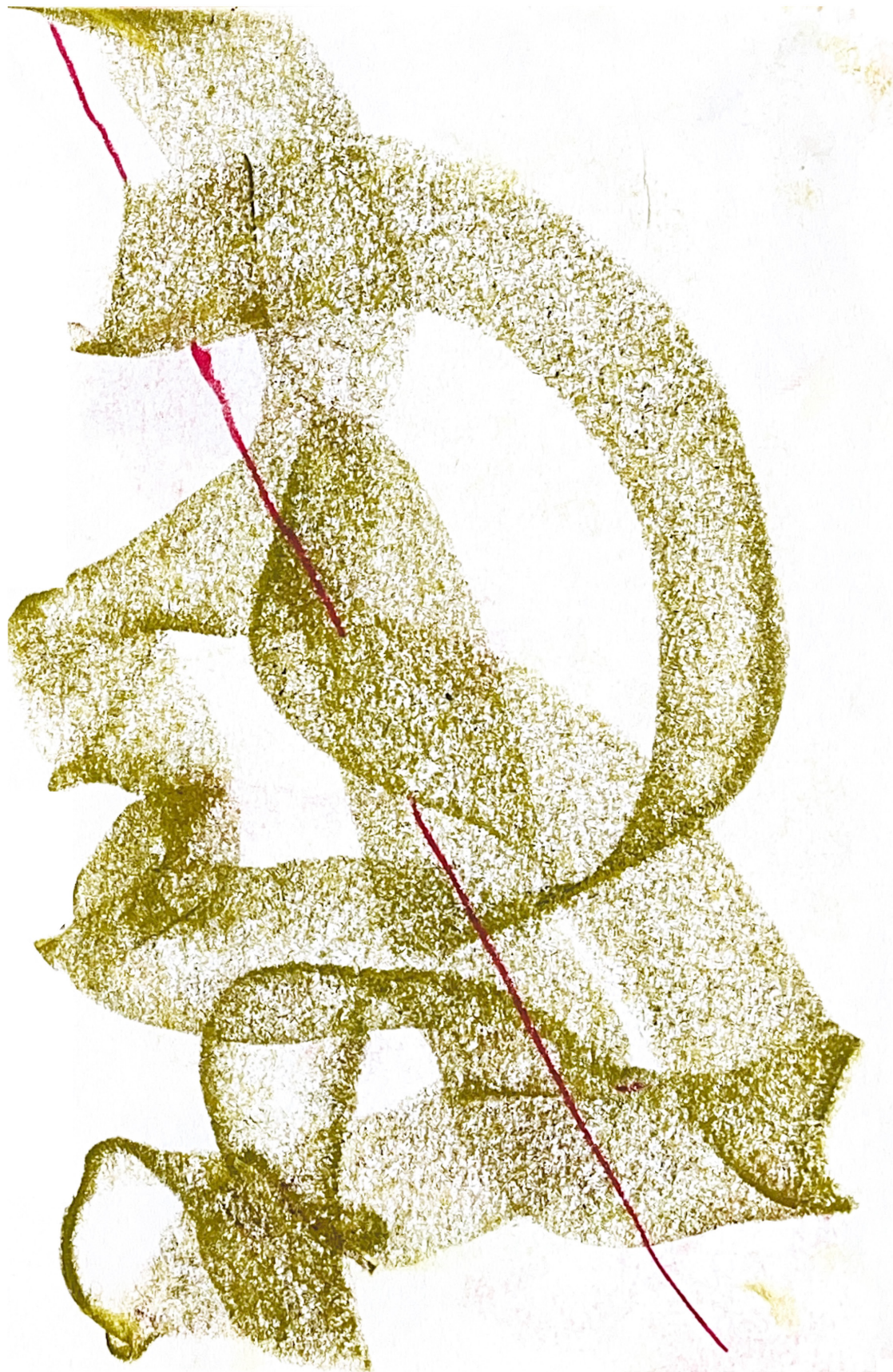


fig. 8



fig. 9

Amor é escolha, é desejo em frente à falta.



fig. 10

4 SELVAGERIA INFANTIL

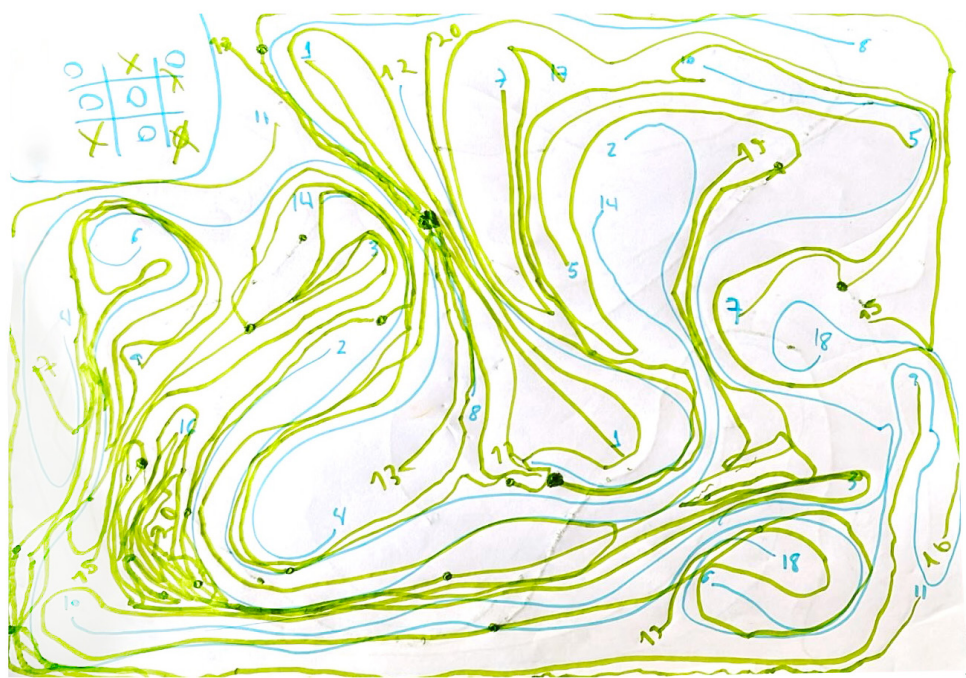


fig. 11

As crianças são grandes revolucionárias tentando quebrar o disciplinamento compulsório desde as sete horas da manhã indo pra escola. Lembro de uma das minhas primeiras memórias, brincava no chão enquanto minha mãe cozinhava quando perguntei “Mãe porque eu nasci no Brasil?” essa pergunta pairava na minha cabeça desde que tinha visto um mapa da América Latina no atlas que meu irmão havia ganhado na escola, não lembro da resposta dela mas estava interessada em saber todos os caminhos que percorri até chegar aonde estou, no Brasil, em São paulo, no chão da cozinha, interessada em saber sobre o meu mundo não geográfico. Quando eu falei meu primeiro palavrão, escutava uma musica da Pitty junto com os meus irmãos, todos deitados na mesma cama cantei:

“que me acha foda”

“não fala isso”

foi a imediata resposta do meu irmão mais velho

“porque? o que?”

“só não fala”

Quis repetir imediatamente. Lembro-me até hoje das palavras da Abigail Campos Leal, transitária entre arte y filosofia, durante um encontro de formação remoto “as crianças carregam essa selvageria que foge do mundo colonial, elas que são tão próximas do ancestral e estelar mas são bombardeadas com padrões colonialistas.”

Todo semana no PIÁ, tenho a felicidade de encontrar uma turma muito animada para brincar, dançar e cantar, com eles aprendo a enxergar o mundo de uma maneira que não aprendia desde que era criança. Atráves da obra do artista Guadalupe Maravilha conheci o desenhar caminhos no jogo Tripa Chuca, consiste em ligar pontos espalhados com linhas que não devem se tocar nem se soltar do papel em um movimento contínuo, toda partida proposta com as crianças tem suas desobediências, perguntam indignados “como eu vou passar aqui sem encostar na linha?” ou encostam na linha e fingem que não aconteceu nada.

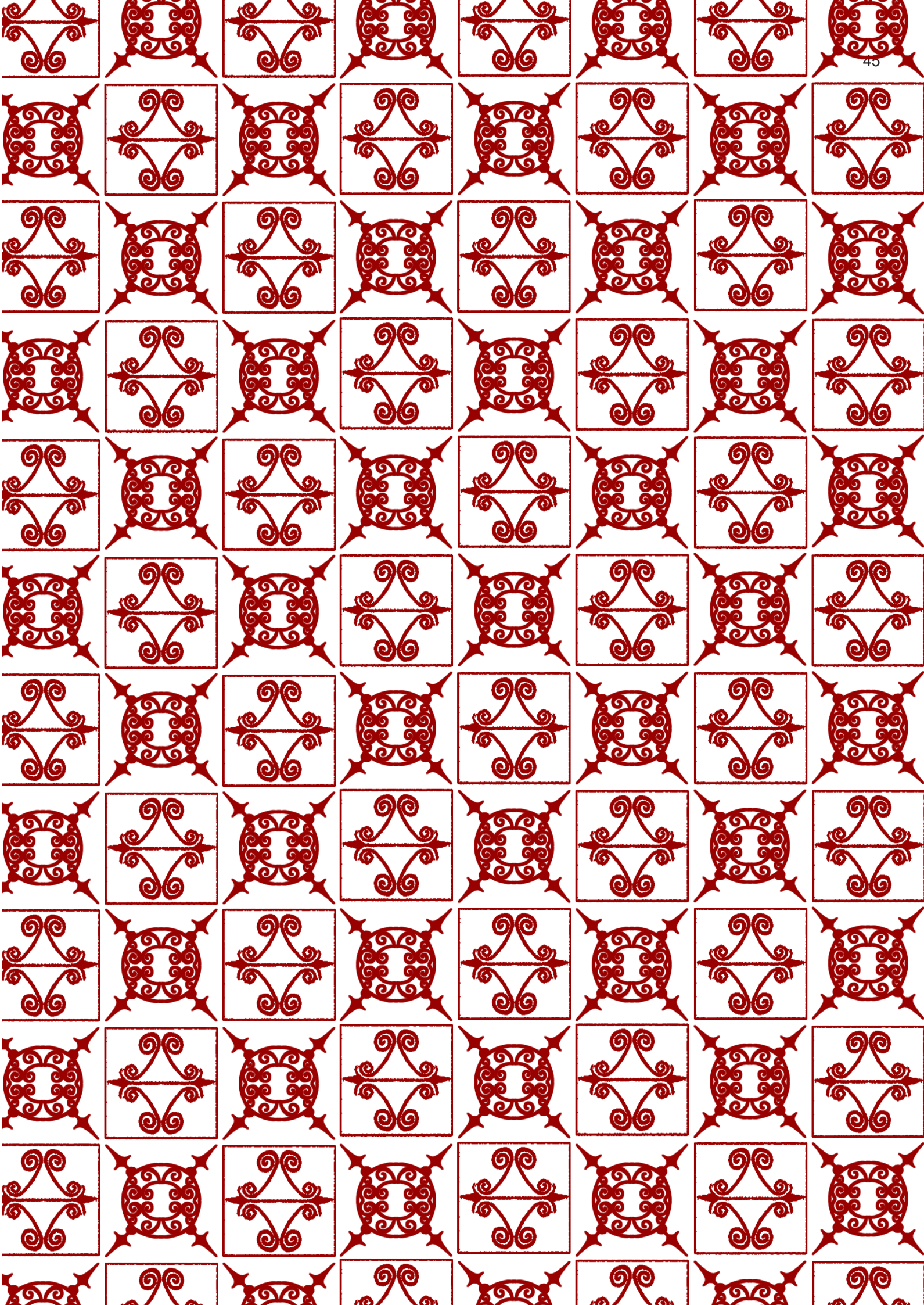
Para muitas sociedades de origens africanas e indígenas as crianças são seres sagrados porque estão a menos tempo “nessa vida” ainda com a memória ancestral do ciclo anterior. Um assunto recorrente entre colegas e amigos professores é a problemática do mundo adultocêntrico que vivemos, tudo é muito alto, muito sério e as crianças são invisíveis até se tornarem completas quando forem adultos. Ignoramos as tecnologias das crianças, onde a criação, a memória, a brincadeira, a língua, o segredo e entre outros são ensinamentos para a libertação de corpos e estratégias de existência.

Jogando Tripa Chuca com o João, vi como eram diferentes nossas táticas de brincar, enquanto eu planejava o caminho a ser traçado antes de desenhar propriamente, sabendo onde deveria virar e contornar ele só ia, não planejou nenhum caminho e errou inúmeras vezes, ao encontrar becos sem saídas retornava com seu vai e volta e eventualmente chegava ao seu destino.

s2



fig. 12



5 CONTO DO INÍCIO DO FIM DO MUNDO

27/11/1999

A televisão zumbia enquanto Ricardo e Gabriel brincavam no tapete da sala, era o inverno com mais cara de verão que eles se lembraram. Maria passou a mão na barriga, sentiu o suor escorrendo da coxa tocar o couro sintético bege do sofá velho e usado. Para fora do portão, o Futuro pairava em cima da casa no penhasco do tempo, com muitas preocupações. Na televisão passava o nervosismo preparatório para a virada do milênio, estoques de comida, milhões de dólares para garantir a troca dois dígitos 00, novo programa do governo federal contra o bug, 0000100, mergulhos podem causar paralisia, 0000. Maria tentou levantar, agora que conseguia ver a barriga crescendo se sentiu pesada, Ricardo observou a mãe atravessar a porta da cozinha, se ela sentasse de novo em outro cômodo eles teriam de ir junto com ela, mesmo que nunca fosse uma exigência, ele gostava de estar perto da mãe. “Onde vai?” Ricardo perguntou, pensou que levantar Gabriel do seu colo e recolher todos os brinquedos seria muito trabalho e sentiu uma preguiça que o fez rezar por meio segundo que não se sentasse “só vou pegar uma toalha molhada para colocar no pescoço” Ricardo relaxou as costas e sorriu para Gabriel em cima dele, uma boca babada e sem dentes sorriu e disse algo de volta.

19/07/1999

Maria observava as nuvens coloridas que tapavam aqui e ali o nascer do sol e sentia-se observada de volta, abaixou a visão até o horizonte e encontrou os olhos sorridentes de Márcia, encarando do outro lado da rua. Obrigou-se a sorrir e foi até o portão devagar para cumprimentar a vizinha fofoqueira, trocaram meia duzia de palavras pratas, Márcia perguntava por onde andava ao mesmo tempo que um caminhão corta a rua com sua buzina barulhenta “...tem tempo sem ver ele”.

1/1/2000

Do alto do morro, Maria viu os inícios e finais segundos de anos passados e futuros explodirem no céu. As estrelas organizavam um jogo de apostas sobre a gravidez do fim e Maria viu um dragão vermelho serpentear no céu, pensou naquela que estava pra nascer e não sentiu medo. No seu parto, o dragão estará esperando para devorá-la, quando estiver dentro da barriga observe as tripas, os bulbos redondos de gordura e

aproveite o que está na sua frente, quando explodirem estará salva da sobrevivência.

20/04/2000

Completará dois mil anos de vida no meio da floresta, a chuva forte lava o suor do corpo. Quando chegar, sorria para conseguir o que quer. No estacionamento subterrâneo do hospital, uma luta entre o touro e a cabra foi organizada, os médicos apostaram nos chifres e os pacientes nos cascos, o primeiro berro vingaria o derrotado. O chão congelado resvala as patas do touro pesado mas o pequeno ainda tinha medo de tentar, a pilha de apostas aumentava desde que descobriram a gravidez. Elas gritaram mais alto que todos.

6 AMOR DO/NO FIM DO MUNDO

“Quando você fechar os olhos e achar que acabou vai vir outra vida e outra e outra e outra. Sugiro que você aproveite o agora.”
— *Maria Betânia Soares de Amorim.*

“Nós, caminhando pelos penhascos,
atingimos o equilíbrio das planícies.
Nós, nadando contra as marés,
atingimos a força dos mares.
Nós, edificando nos lamaçais,
atingimos a firmeza dos lajeiros.
Nós, habitando nos rincões,
atingimos a proximidade da redondeza.
Nós somos o começo, o meio e o começo.
Existiremos sempre,
sorrindo nas tristezas
para festejar a vinda das alegrias.
Nossas trajetórias nos movem,
Nossa ancestralidade nos guia.”
— *Nego Bispo*

Em um dia que estava dando tudo errado, minha mãe me disse “Quando você ia nascer o mundo ia acabar, passaram 24 anos e olha a gente aqui” eu que tinha fome para saber do meu início, comendo, parei. Penso na Maria que não conheci, grávida no fim do mundo, sinto agulhadas quando lembro o que uma amiga educadora sempre diz “vocês tem noção que as crianças vivem no mesmo mundo que a gente?”, penso em todas as vezes que escutei de amigos “vou colocar criança nesse mundo pra que?” e se ela pensou isso também.

Estava muito nervosa no meu primeiro dia de estágio, achei que era por conta da vontade de causar uma boa impressão para as crianças — queria que elas gostassem de mim — mas não era só isso, entendi que se tratava do nervosismo de voltar à um espaço específico que não tive contato depois do ensino médio, a escola. Depois de anos longe, voltava como observador, não era aluno, nem professor, repeti isso para que me acalmasse. O primeiro dia foi um apanhado de memórias esquecidas da minha infância escolar, como o intervalo curto entre as aulas — quando estava na escola, precisava correr contra os 20 minutos de descanso para fazer todas as coisas importantes: brincar, saber se minha amiga tinha visto o episódio de Rebeldes na noi-

te anterior e tudo que achou sobre, comer, fofocar —, os portões de ferro que travam a passagem, o mato suspeito de aranhas e escorpiões no fundo do terreno, as filas. Algo que não me lembrava — na verdade, acho que nunca tinha notado dessa forma — é quão social a escola é, as crianças sentam em duplas, mas dividem, emprestam, conversam em conjunto de outras 30 a 40 pessoas, no mínimo, já que estou desconsiderando a totalidade de crianças em outras salas. Muitas vezes o papel do professor é também ser mediador das infinitas relações — e possíveis conflitos — na sala de aula.

Que tipo de espaço a escola representa sendo um dos ambientes mais social da nossa infância e subjugada à prática do disciplinamento colonial? que tipo de pessoas podem crescer nesse espaço? Os que ditam como se mover justificam saber os modos de existir de estar na Terra, e assim, vão descolando a humanidade da organização e matando vários no caminho.

O tempo de cronos	
Passado)	Presente (Futuro
Doença	Salvação

Porque não existe a possibilidade de descrever aquilo que está por vir, senão dentro da temporalidade como conhecemos, passado, presente e futuro. (...) Falo de previsão do tempo, afirmando que ela de fato existe porque a corresponde a uma temporalidade que se organiza num desejo de controlar o acaso, a imprevisibilidade (através da racialização e dos gêneros). (Brasileiros, 2022 p. 41)

Vivemos entre ebulição global⁶, pandemia, genocídios, fome, o ar está podre e matam num sistema violento que não enxerga pessoas. A tradição de brutalidade do regime colonial na qualidade de estudos iluministas e modernos tem sido essencial para a subjugação de povos indígenas e negras, no que compreende o apagamento de saberes, poética e performances ancestrais.

Amor como pedagogia do fim do mundo não quer dizer que vamos enfrentar o fim do mundo com muito carinho, o radicalismo amoroso arrebenta e transforma o mundo como conhecemos. Que se acabe. Que se crie. A prática radical do ensino amoroso que considera o corpo como local que aprende não cabe no projeto de escola atual e impõe novos modos de socialização, logo, novos modos de vida.

Ao abraçar o mistério do magnetismo terráqueo que nos gravita ao chão que pisamos, aos pássaros que migram e ao coxar das rãs quando o rio sobe,

6. Durante seu discurso de abertura da Cúpula do Clima em 2023, COP28, Antonio Guterres, secretário-geral da ONU, utilizou o termo “ebulição global” ao invés de “aquecimento global” para descrever a situação emergencial atual.

acompanhamos a coreografia do fim e começo do/no mundo emaranhado, esse conceito de Denise Ferreira da Silva é um convite para reconhecer nossa existência de modos continuamente moldado e conectado ao mundo ao nosso redor, inclusive ao que está além do humano “no mundo emaranhado, a socialização é condição a qual tudo aquilo que existe é expressão singular de cada um e de todos os outros existentes efetivos ou virtuais no universo” (Silva, 2016. p. 60). O mundo agora está preso às imutabilidade e violência, a transformação exige, como escreveu Denise:

“Um programa ético-político que não reproduza a violência do pensamento moderno exige repensar a socialização por fora do texto moderno. Porque apenas o fim do mundo tal como o conhecemos, estou convencida, será capaz de dissolver a ideia de coletividades humanas como “estrangeiras” com os atributos morais fixos e irreconciliáveis que as diferenças culturais engendram.” (Silva, 2016. P. 60)

Amor é modos de resistência.
O fim do mundo como conhecemos.
Amor é movimento, transformação.

“005. “A face radical da negridade reside na torção do pensamento — ou seja, ao saber e estudar, a negridade anuncia o fim do mundo como conhecemos.” Denise Ferreira da Silva.” Jota Mombaça e Musa Michelle Mattiuzzi.” (Silva. 2019, p. 21)

ColetivA Ocupação disse:
“O mundo que conhecemos desconhece o que somos.
Pulamos as catracas das velhas estruturas.
Criamos o novo.”

Denise fala sobre o mundo emaranhado, Nego Bispo fala em ser compartilhante, com complexidades originais ambos abordam modos de viver outramente. Em A terra dá, a terra quer Nego Bispo aponta “No compartilhamento temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto. e afetos não se trocam, se compartilham” (Santos, 2023. p. 36). Na mesma perspectiva de “modos de vida”, educação são modos de se relacionar, modos de conviver, de elaborar pensamento. “saber retornar aos fundamentos e saberes das populações estruturantes da dita nação brasileira subalternizadas no processo de longa duração da colonialidade, povos negros-africanos em diáspora e originários pindorâmicos (indígenas).” (Piapuru: livro-brinquedo: “Como contar esse tempo?”, 2022. p. 66)

“Quando cheguei ao território em que estou hoje, já existiam outros compartilhantes que nos recepcionaram. Na Caatinga, os umbuzeiros nos recepcionaram. Eles compartilharam seus frutos, suas folhas e suas raízes quando chegamos, e não trouxemos nada para os umbu-eiros. Eles já eram nativos daqui, viemos habitar esta terra depois deles. Foi assim com os pássaros, foi assim com uma planta chamada pinhão - que não é o pinhão manso, é um pinhão cuidado por nós, ditos humanos, que as juritis adoram. Elas comem esses pinhões e, vez por outra, pegamos uma juriti. O pinhão compartilha com a juriti, a juriti compartilha conosco, e nós vamos compartilhar de novo com o pinhão. Agora que já estamos aqui há mais tempo, entramos também no ciclo local de compartilhamento.” (Santos, 2023. P. 36)



7 CONCLUSÃO

7.1 Fundo Mundos

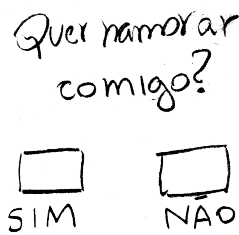
06/07/2024
Fundo Mundo
fundar mundo
findar mundo

No caminho à frente, enxergo o visível e invisível,
aprendo na contradição.
Eu erro escancaradamente com paixão.
Desculpa ficar rimando, é minha vontade.

s2

7.2 Carta de Amor

A proximidade de um fim de tempo e a ânsia de concluir turvam a minha mente, talvez devesse começar a considerar meus finalmentes. Sendo fim e começo ao mesmo tempo, parece apropriado fazer uma carta de Amor com minhas declarações, ou talvez um pequeno bilhete de papel arrancado do caderno.



Dizer o que me transformou é tarefa árdua demais, mas sei que mudei porque sinto agora. Tenho observado muito, voltado para a criança curiosa que pergunta mas mais do que tudo, olha. As árvores tão próximas, são sempre diferentes umas das outras e as nuvens tem nomes. No começo de outubro é época de colher amoras na rua de trás, em novembro vou pedir as pitangas da árvore na rua de cima. As madrugadas tem um cheiro próprio que levanta quando as luzes apagam. Reconheço o Beija-flor, Sabiás e Maritacas que vivem por perto e sempre aparecem para tomar banho na calha da sacada. Danço muito mais e percebi que gosto mesmo é de dançar com os outros. Tenho odiado menos esta cidade. Vivo meus sonhos ao dormir e os sinto ao acordar. Ando brigando mais por falar o que preciso e vivendo com os problemas. Caminho lembrando de me esperar com paciência.

Outro título considerado para esse trabalho era “Tudo que eu não sei” mas eu já sei tanta coisa porque aprendi, e Amor como pedagogia do fim do mundo revela isso. Aprendo outros modos de viver com quem/o que me cerca. Tenho aprendido com as crianças o que é errar e perder, mesmo sendo muito competitiva no jogo. Não sei o que me estou me tornando, talvez esparrame para todos lados. Não sei demais para a quantidade de perguntas que tenho em mim. Mas sempre posso aprender.

Reconheço estar em aprendizado constantemente, em revolução e transformação. Aprendo ser professor remembering como era ser aluno. Uma vez alguém me falou que ser professor é estar sempre estudando, acrescento que é estar sempre aprendendo. Em movimento, não pretendo parar. Abandono a tentativa de prever o futuro e vivo agora, caminhando, voltando, retornando, circulando e brincando.

Enfim, vamos se encontrar mais, desculpa ter cancelado o rolê. As crianças são ótimas, é só quando precisa falar com a chefia que complica. Eu to bem, mãe ta bem, os meninos também. Quero te visitar logo, manda um beijo e bença para a vó.

REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata Pereira-Lima. Criação de bandos: como movimento de resistência. **Cadernos da Subjetividade**, São Paulo, ano 14, n. 21, p. 7–14, 2020.

BARZAGHI, Clara. Notícias do front ou uma carta de amor. **Cadernos da Subjetividade**, São Paulo, ano 14, n. 21, p. 79–89, 2020.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Quando o sol aqui não mais brilhar**: a falência da negritude. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2022.

CARSON, Anne. **Eros, o doce-amargo**: um ensaio. Tradução de Julia Raiz. São Paulo: Bazar do Tempo, 2022.

CARSON, Anne. **Autobiografia do vermelho**: um romance em versos. São Paulo: Editora 34, 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. *In*: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995. p. 11–37.

FERNANDES, Aline Oliveira. Notas para decolonizar a metodologia de pesquisa ou sobre fazer a metodologia gozar. *In*: FERREIRA, Verônica; SILVA, Petronilha (org.). **Metodologias contracoloniais em relações étnico-raciais e de gênero**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2023. p. 45–62.

FERREIRA DA SILVA, Denise. **A dívida impagável**. São Paulo: Oficina de Imaginação Política; Living Commons, 2019.

FERREIRA DA SILVA, Denise. Sobre diferença sem separabilidade. *In*: FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. **Incerteza viva**: 32ª Bienal de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016. p. 57–65.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. Tradução de Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LEMOS, Cíntia Faria; OLIVEIRA, Ana Maria. Mapeamento, processo, conexões: a cartografia como metodologia de pesquisa. **Paralelo 31**, Pelotas, v. 1, n. 8, p. 1–15, 2017.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar de memória. **Letras**, Santa Maria, n. 26, p. 63–81, 2003. DOI: 10.5902/2176148511881.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma submetodologia indisciplinada. **Revista Concinnitas**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 28, p. 341–354, set. 2016.

MOMBAÇA, Jota; MATIUZZI, Musa Michelle. Carta à leitora preta do fim dos tempos. *In*: FERREIRA DA SILVA, Denise. **A dívida impagável**. São Paulo: Oficina de Imaginação Política; Living Commons, 2019. p. 201–210.

NORA, Pierre. Between memory and history: les lieux de mémoire. **Representations**, Berkeley, n. 26, p. 7–24, 1989. DOI: 10.2307/2928520.

PIAPURU. **Piapuru**: livro-brinquedo: como contar esse tempo? São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 2022.

PLATÃO. **O banquete**. Tradução e notas de Irley F. Franco; Jaa Torrano. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora PUC-Rio; Edições Loyola, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos**: modos e significados. Brasília, DF: INCTI; UnB, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama, 2023.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. **A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau**: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil. 2019. 233 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

YIN, Robert Kuo. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

CRÉDITO DE IMAGENS



FIGURA 1 Página 23
Título: página de caderno 1
Fonte: Autora, 2023.



FIGURA 2: Página 24
Título: página de caderno 2.
Fonte: Autora, 2023.



FIGURA 3: Página 27
Título: Desenho I, 2023. Giz sobre papel, 7.4x12 cm.
Fonte: Autora, 2023. .



FIGURA 4: Página 28
Título: Desenho II, 2023. Giz sobre papel, 7.4x12 cm.
Fonte: Autora, 2023.



FIGURA 5: Página 32
Título: Monstro vermelho I, 2023. Giz sobre papel, 7.4x12 cm.
Fonte: Autora, 2024.



FIGURA 6: Página 40
Título: amor flecha as curvas do tempo XI. Giz pastel em papel offset. 297x420 mm.
Fonte: Autora, 2024.

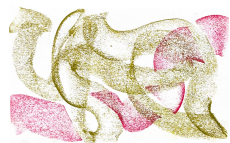


FIGURA 7: Página 41
Título: amor flecha as curvas do tempo IX. Giz pastel em papel offset. 297x420 mm.
Fonte: Autora, 2024.

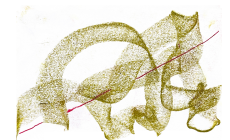


FIGURA 8: Página 42
Título: amor flecha as curvas do tempo VIII. Giz pastel em papel offset. 297x420 mm.
Fonte: Autora, 2024.



FIGURA 9: Página 43
Título: amor flecha as curvas do tempo VII. Giz pastel em papel offset. 297x420 mm.
Fonte: Autora, 2024.



FIGURA 10: Página 45
Título: Monstro vermelho II, 2023. Giz sobre papel, 7.4x12 cm.
Fonte: Autora, 2024.

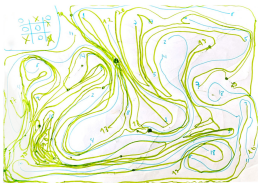


FIGURA 11: Página 46
Título: Tripa Chuca com João.
Fonte: Autora, 2024.



FIGURA 12: Página 48
Título: Espiral, 2022. Giz sobre papel, 7.4x12 cm.
Fonte: Autora, 2022.

IMAGENS SEM NUMERAÇÃO (por ordem de aparecimento)

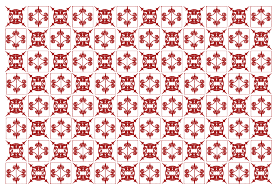


FIGURA 5: Página 18
Título: Amor e Saudade, 2022. Reprodução, 297x420mm
Fonte: Autora, 2022.



FIGURA 6: Página 56
Título: Fundo Mundos, 2024. Lápis de cor e giz sobre papel colorido, 297x420mm.
Fonte: Autora, 2024.

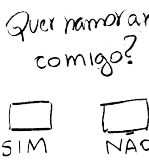


FIGURA 7: Página 59
Título: Quer namorar comigo?
Fonte: Autora, 2024.

